



QUEM DESCOBRIU O BRASIL?

UMA NOVA VISÃO

CMG (Ref) Carlos Alberto Antunes Miranda

Guerra Santa: a primeira cruzada

O grande cisma de 1054, com a divisão da Igreja Católica, uma parte subordinada ao Papa em Avignon e outra parte aos patriarcas de Bizâncio, não agradava ao papado. O aumento da população mais pobre, a escassez de alimentos e a falta de terras para feudos que pudessem ser divididos entre os cavaleiros nobres eram mais alguns problemas encontrados. Complementando tudo isto, a cidade de Jerusalém estava sob o domínio dos muçulmanos. Fato não aceitável pelos cristãos que a consideravam um lugar sagrado. Terra onde Cristo havia vivido.

Era o Papa a esta época Urbano II, de oratória contundente e um grande poder de persuasão, conhecedor dos grandes problemas de seu tempo e buscava uma solução.

No Concílio de Clermont (1095), usando de todos os seus dons de oratória, culpava os muçulmanos por não permitirem a peregrinação dos cristãos aos lugares santos em que Cristo havia vivido e sido morto pelos judeus, em Jerusalém.

Conclamou a grande massa presente nesse Concílio para que viessem a participar das lutas pela tomada de Jerusalém e abrir o caminho aos peregrinos que dese-

jassem visitar a Terra Santa. A todos seriam concedidos indulgências plenárias por sua participação e salvação a todos os mortos em combate. Foi aclamado por todos os componentes presentes ao Concílio. Havia levado a cruz de Cristo às multidões.

Criou-se, então, uma nova frente de lutas contra os muçulmanos que deu origem ao que se chamou de Cruzadas – movimentos militares de inspiração cristã que partiriam da Europa Ocidental em direção à Terra Santa e à cidade de Jerusalém, a qual se encontrava sob o domínio muçulmano desde o século XI. Foram

chamados de cruzados por suas indumentárias conterem uma cruz simbolizando a morte de Jesus Cristo.

Urbano II via nas Cruzadas não somente a libertação da Palestina, mas também a conquista de novas terras. Terras que criariam novos feudos, contemplando com eles os nobres e criando meios de trabalho para os desafortunados, que não eram poucos. Perspicácia em vista, sobretudo o acesso ao Mar Mediterrâneo, de olho nas riquezas e trocas comerciais a serem obtidas.

Esta primeira cruzada terminou em 1079, após a tomada de Niceia, Antioquia e Jerusalém. Na tomada de Jerusalém todos foram passados nas armas sem exceção. Crianças, mulheres, judeus, muçulmanos, como também cristãos que lá viviam. Diziam os correspondentes de guerra

daquela época (Fulk de Chartres e outros) que a quantidade de sangue no templo de Salomão subia à altura das canelas dos vencedores.



Papa Urbano II discursando



Conquista de Jerusalém pelos Cavaleiros Templários

Os Cavaleiros Templários

No ano de 1081, Jerusalém já era um território cristão. Assim, nove monges veteranos da primeira cruzada, entre eles Hugh de Payen, dirigiram-se ao rei Balduíno I (primeiro rei de Jerusalém) e anunciaram a intenção de fundar uma ordem de monges guerreiros, os denominados Pobres Cavaleiros de Cristo, e se instalaram numa parte do palácio em um local que outrora fora o Templo de Salomão. Por isso ficaram conhecidos como Cavaleiros do Templo, ou Cavaleiros Templários. Fizeram votos de pobreza pessoal, obediência ao Papa e votos de castidade.

Criaram um lema, retirado de um dos salmos do Rei David, o qual representava os seus mais sérios propósitos: *Nom Nobis Domini, Nom Nobis, Sed Nominum Tuo ad Gloriam!* (Não por nós Senhor, não por nós, mas para a glória de Teu nome!).

Dentro de suas possibilidades, se encarregariam da segurança dos peregrinos que transitavam entre a Europa e os territórios cristãos do oriente. A Ordem desenvolveu uma estrutura básica e se organizou numa hierarquia composta de sacerdotes até soldados. Os soldados templários recebiam treinamento bélico, combatiam ao lado dos cruzados na Terra Santa, conquistavam terras, administravam povoados, extraíam minérios, construíam castelos, catedrais, moinhos, alojamentos e oficinas. Fiscalizavam, também, o cumprimento das leis e, se necessário, intervinham na política europeia, além de se aprimorarem no conhecimento da Medicina, Astronomia e Matemática. Mas somente em 1127, no Concílio de Troyes, o Papa Honório II finalmente outorgou aos templários a condição de Ordem, concedendo

um hábito branco com uma cruz vermelha ao peito, uniforme pelo qual ficaram conhecidos na Europa do seu tempo.

Com o aumento da peregrinação, instituíram um sistema semelhante ao dos bancos monetários atuais. O peregrino que se dirigisse à Terra Santa poderia fazer depósitos em dinheiro ou ouro em um dos protetorados templários e recebia uma carta de crédito que poderia ser sacada em qualquer ponto da jornada nesses protetorados, garantindo, assim, que seus bens, no percurso cheio de perigos, ficassem a salvo.

A esta altura, os Cavaleiros do Templo não mais eram constituídos apenas por religiosos, mas também por burgueses. Os templários tinham vida própria através da imensa fortuna que provinha da doação dos reinados que protegiam. E, acima de tudo, sendo uma ordem de caráter ecumênico, não fazia distinção de raça, credo, nacionalidade e de estirpe, respeitando em qualquer caso as leis e as tradições de todos os povos e de todos os países por onde estenderam suas atividades (o imperador romano, Júlio Cesar, usava esta mesma estratégia com os povos conquistados).



Cavaleiros Templários

Durante um período de quase dois séculos, a Ordem foi a maior organização militar religiosa do mundo. Suas atividades já não estavam restritas aos objetivos iniciais. Evidentemente isto não passara despercebido pelos reis da Europa Ocidental e pela Igreja Católica. Mas o tempo voa e Jerusalém havia sido reconquistada definitivamente pelos muçulmanos em 1291 e os templários não se faziam tão mais necessários.

Filipe IV, rei da França, devia terras e imensas somas em dinheiro aos templários. Assim, propôs ao arcebispo Beltrão de Got uma troca de favores. O monarca usaria sua influência para que o religioso se tornasse papa. Este, por sua vez, se comprometeria a exterminar a Ordem dos Templários assim que alcançasse o papado. Em 1305, sobe ao trono papal Clemente V. Na França, por ordem do Rei Filipe, o último grão-mestre da Ordem, Jacques de Molay e outros 5.000 cavaleiros foram encarcerados e seus bens sequestrados pelos soldados do rei. Neste momento, tinham início as acusações contra os templários e implacável perseguição em toda Europa.



O rei Filipe aproveitou o momento e tentou apoderar-se dos preciosos segredos e tesouros que a Ordem dos Templários teria acumulado durante sua existência. Tentou atacar a frota de navios templários ancorados nos portos da França, mas ela havia desaparecido misteriosamente. Ficaram os francos, literalmente, a ver navios!

Não seria crível que o grão-mestre de uma força de porte guerreiro, como a dos templários, não tivesse, ao longo de dois séculos, um serviço de espionagem que os informasse dos movimentos de seus inimigos, mormente dos monarcas europeus e da Igreja Católica.

Por volta do dia 20 de setembro de 1307, Filipe IV enviou cartas lacradas a todos os governadores do

reino com ordens expressas de que somente fossem abertas na noite de quinta-feira, 12 de outubro. Quando as cartas foram abertas, a ordem expressa do rei resumia: os templários são acusados de graves crimes e heresias. Na madrugada de sexta-feira, 13 de outubro de 1307, todos foram aprisionados e postos a ferro. Daí a crença de que toda sexta-feira 13 é um dia de azar.

Neste momento iniciaram-se as acusações contra os templários e seguiu-se uma implacável perseguição por toda Europa. O processo inquisitório contra os templários se estendeu por vários anos, sob torturas e acusações diversas como heresia, idolatria, homossexualismo, sodomia e conspiração com infiéis. Finalmente, em 18 de março de 1314, o último grão-mestre, Jacques de Molay, aos 70 anos de idade, foi levado à fogueira da Santa Inquisição às margens do rio Sena, em Paris. Antes de ser lançado à fogueira, deitou uma terrível maldição para o rei da França e o Papa Clemente V: "Em menos de um ano os dois estarão pagando sua traição junto ao Todo Poderoso". Fato é que o Papa faleceria cinco meses após e o Rei Filipe IV, o Belo, viria a morrer em menos de um ano.

Mas para onde teriam navegado os remanescentes templários? A hipótese mais provável, que viria a se confirmar, seriam as terras portuguesas onde os templários tinham imensa quantidade de bens ambicionados tanto pelos franceses (que então controlavam Clemente V) quanto pelo rei de Portugal. Os templários sabiam que poderiam contar com forte proteção do rei português, mas havia as ordens do Papa Clemente V para que os templários fossem extintos e todos os seus cavaleiros executados. A Dom Dinis, rei de Portugal, isto não

interessava, pois há muito queria para Portugal a anexação das terras e dos bens construídos ou herdados pelos templários, como o castelo de Tomar (sede da Ordem em Portugal). A morte de Clemente V e, a seguir, a de Filipe IV, e também a sucessão papal, deram ensejo à demanda da instauração de um novo processo de forma a averiguar a culpa ou inocência dos templários. Este inquérito foi controlado pelo rei Dom Dinis, usando sua influência sobre o



novo Papa e, como seria de esperar, os cavaleiros da Ordem dos Templários foram inocentados de todas as acusações e nenhuma morte ocorreu. Mais que isso, o rei português resolveu o assunto com aguda habilidade diplomática: retirou todos os bens materiais da Ordem dos Templários transferindo-os para uma nova ordem que criou ao abrigo da Coroa portuguesa. Deu a essa nova ordem o nome de Cavaleiros de Cristo, homologada em 14 de março de 1319 pelo Papa João XXII, cujo símbolo era precisamente a famosa cruz de Cristo vermelha em um fundo branco.

Assim, em 1319, nascia a Ordem dos Cavaleiros de Cristo, provavelmente um dos últimos redutos na Europa onde os templários continuaram a existir e a viver na perseguição das suas santas metas e conservando os seus santos mitos.

Dom Dinis, rei de Portugal, era visionário da formação de uma grande identidade nacional. Era necessário, contudo, a consolidação de terras e áreas existentes em solo português. Isto foi conseguido com a "boa vontade" de grande parte da Ordem Hospitalar (outra ordem de cavaleiros que se propunham, à época das Cruzadas, darem abrigo e ajuda médica aos peregrinos e aos cruzados) e com os antigos templários, estes consolidados na Ordem dos Cavaleiros de Cristo, sob a tutela do governo de Portugal. Fazia-se necessário, também, a criação de uma força militar permanente, mesmo que

em número limitado, mas bem treinada como eram a Ordem Hospitalar e a dos Templários. Incrementou a construção naval a partir dos navios templários e a criação de novas docas. Este processo de formação de uma identidade nacional portuguesa, com relação às demais nações europeias, possibilitou a dianteira na expansão marítima ocorrida nos séculos XV a XVII.

A importância do Infante D. Henrique nos Descobrimentos

Em 1415, Dom João I, rei de Portugal, deu início ao que



Dom Dinis, rei de Portugal

foi conhecido na História como os descobrimentos portugueses, começando com a conquista da cidade de Ceuta, na África, beirada à entrada do Mar Mediterrâneo, por onde circulava um comércio rico e forte. Nesse princípio de expansão, o Infante Dom Henrique, filho de Dom João I, se sobressaiu, tornando-se Cavaleiro em combate. Foi a partir da conquista de Ceuta que as incursões pela costa ocidental da África foram iniciadas, buscando novas rotas, alternativas e caminhos para contornar os pontos comerciais pelo Mediterrâneo.

Foram os navegadores portugueses avançando pela costa africana, fazendo novas descobertas até a chegada ao Cabo Bojador, ponto em que se dizia que terminava o Atlântico e iniciava-se o mar Tenebroso.

Em 1434, com a ajuda do Infante Dom Henrique,



Infante Dom Henrique

o navegador Gil Eanes consegue contornar o Bojador dissipando o terror que este promontório inspirava. Graças a isto, os navegadores portugueses aprenderam a "dar a volta no mar", que nada mais era do que afastar-se da costa para sudoeste a partir das Ilhas Canárias e retornando mais ao sul, onde os ventos eram mais propícios à navegação para o continente africano. Rota esta que passou a ser usada por todos os navegadores portugueses na descoberta de várias ilhas no Atlântico, do caminho para as Índias e da então "desconhecida Ilha de Santa Cruz" aonde, por sua vez, chegaria Pedro Álvares Cabral.



Jacques de Molay na fogueira

Fonte: Carlos Fonseca - Ilustrato.com

Em 1420, o Papa Martinho V emite bula papal nomeando o Infante como Administrador da Ordem de Cristo, após o falecimento do Grão-Mestre.

A Ordem de Cristo era uma instituição poderosa e influente, dotada de importante patrimônio de rendimentos e herdeira da Ordem do Templo, a antiga ordem militar das Cruzadas que havia sido extinta no século XIV. O infante Dom Henrique nunca foi grão-mestre da Ordem. Apenas administrador dos seus bens e recursos que deveriam ser aplicados em prol das descobertas portuguesas. E assim o fez. Tão logo o mistério do Cabo Bojador foi desfeito, como anteriormente mencionado, avançou pela costa ocidental da África, lançando-se ao Atlântico. Explorou o oceano e incentivou a expedição de diversos navegadores usando os recursos da Ordem e de seus próprios bens. A aventura ultramarina não seria internacionalmente reconhecida se não fosse pelas ações do seu grande impulsionador, o Infante Dom Henrique. Anos passados, retirou-se para Lagos, nas proximidades do promontório de Sagres, acompanhado de cartógrafos, astrônomos, pilotos, navegadores, antigos mapas e manuscritos e levou avante estudos que vieram aprimorar a arte náutica portuguesa. Daí surgiu a chamada Escola de Sagres, sob os auspícios do Infante Dom Henrique. Foi ele um homem de seu tempo, engajando-se com meios financeiros e pessoalmente na história das descobertas de Portugal. O Infante veio a falecer em 1460.

Ao correr dos anos, até o fim do século, a engenharia naval modernizou-se. Novos tipos de navios de melhor qualidade foram surgindo, bem como a eficácia dos instrumentos náuticos se aprimorou na medida da longitude e contribuindo para o incremento da navegação pelo Atlântico e, sobretudo, pela costa africana.

Selando o sucesso da viagem de Vasco da Gama que permitiu o contorno do Mediterrâneo, então sob o domínio dos mouros e das nações italianas, o rei D. Manuel apressou-se em mandar aparelhar uma nova frota para as Índias. Esta seria a maior frota constituída por Portugal, devido às

dificuldades encontradas por Vasco da Gama, segundo seus relatos, para se impor e conversar com os índios.

Foi nomeado para ela o emérito navegador Pedro Álvares Cabral, Cavaleiro da Ordem de Cristo.

Em conversas com Cabral, Vasco da Gama relatou que, após a volta no mar, em pleno Oceano Atlântico, a 3.000 km da costa africana, havia a possibilidade da existência de terras a sudoeste a serem descobertas.

Pouco antes da partida, El Rei mandou rezar uma missa no Mosteiro dos Jerônimos, como demonstração da fé cristã do reino, ao final da qual fez entrega a Cabral da bandeira de Portugal, com as armas do reino e a bandeira da Ordem de Cristo.

A esquadra comandada por Cabral fez-se ao mar, usando os navios mais modernos da engenharia da época: as naus e caravelas ostentavam em suas velas brancas o vermelho da Cruz Copta.

Um morro ao final da Páscoa

Como tapetes flutuantes, elas surgiram de repente, em “muita quantidade”, balançando nas águas translúcidas de um mar que refletia as cores do entardecer. Os marujos as reconheceram de imediato, antes que sumissem no horizonte: chamavam-se botelhos as grandes algas que dançavam nas ondulações formadas pelo avanço da frota imponente. Pouco mais tarde, mas ainda antes que a escuridão se estendesse sobre a amplitude do oceano, outra espécie de planta



**Pedro Álvares
Cabral**



As naus que aportaram no Brasil traziam a bandeira desta nova Ordem. Pedro Álvares Cabral seria não apenas um navegador, mas um dos altos comandantes da Ordem de Cristo, que fez uso dos mapas e cartas de navegação templárias para “descobrir” o Brasil.

os demais tripulantes acotovelados à mureta das naus, puderam vislumbrar o cume de um monte muito alto e redondo surgindo no horizonte distante. A frota navegou até seis léguas da costa (36 km) de onde se avistavam e se esparramavam terras chãs; a armada lançou suas âncoras que mergulharam 34 metros

em mar esverdeado antes da ancoragem num fundo arenoso. Estava descoberto o Brasil.

marinha iria lambear o casco das naves alimentando a expectativa e desafiando os conhecimentos daqueles homens temerários o bastante para navegar por águas desconhecidas. Desta vez eram os rabos-de-asno: um emaranhado de ervas felpudas “que nascem pelos penedros do mar”. Para marinheiros experimentados, sua presença era sinal claro da proximidade de terra. Se ainda restassem dúvidas, elas acabariam no alvorecer do dia seguinte, quando os grasnados de aves marinhas romperam o silêncio dos mares e dos céus. As aves da anunciação voavam barulhentas por entre mastros e velas, chamavam-se furo-buchos. Após quase um século de navegação atlântica, o surgimento dessas gaivotas era tido como indício de que, muito em breve, algum marinheiro de olhar aguçado haveria de gritar, lá do alto do mastro da gávea, a frase mais aguardada pelos homens que se fazem ao mar: “Terra à vista”.

Quarenta e dois dias haviam se passado desde que a armada comandada por Álvares Cabral se lançara ao mar em direção às Índias e chegara às terras a sudoeste como Vasco da Gama previra, e Colombo oito anos antes fizera acontecer. Nada ocorrera, nem temporais correntes ou ventos bravios que pudessem justificar um desvio involuntário de rota, com um avanço tão resolutivo para oeste. Como atribuir ao acaso ou erro de cálculo em uma esquadra sob a direção de pilotos habilidosos como Bartolomeu Dias e Nicolau Coelho, os mais experientes de seu tempo?

A frota avançou cautelosamente, aproveitando o vento soprando franco de leste e, a cerca de 70 km da costa, o capitão, seus pilotos, a marinhagem e todos

Conclusão

Interessante notar que as singraduras lusas traziam em seu bojo um contexto não só de conquista de novas terras, mas persistiam numa retórica ligada às Cruzadas, da expansão e de levar a motivação religiosa a todos os locais em que tomassem posse pela conquista de seus cavaleiros e navegadores. O efeito mais importante da associação da Ordem dos Cavaleiros de Cristo, com seus privilégios e o poder temporal do rei de Portugal, foi a dianteira na proteção da ação missionária e da organização da Igreja Católica em seus domínios. ■

Bibliografia

- BUENO, EDUARDO. A viagem do descobrimento. _____. Um morro ao final da Páscoa. Texto constante no livro
- BEZERRA, JULIANA. Descobrimento do Brasil.
- KHOURI, RAIMOND. O último templário.
- WIKIPEDIA. As Ordens de Cavalaria na idade média
- _____. A primeira cruzada 1109
 - _____. Os CAVALEIROS TEMPLARIOS
 - _____. A queda de Jerusalém
 - _____. O Infante D. Henrique
 - _____. Os descobrimentos portugueses
 - _____. As primeiras expedições no Atlântico
 - _____. A Ordem dos Cavaleiros de Cristo
 - _____. A viagem de Vasco da Gama- a descoberta do caminho marítimo para as índias.
 - _____. A Descoberta do Brasil.

Avistando o Monte Pascoal